FRANÇA, ARAUTO MILENAR DA CIVILIZAÇÃO

MOZART PINTO

(Conferência pronunciada na Associação Cultural Franco-Brasileira, em 14 de julho de 1944)

LEVABO AD COELUM MANUM MEAM, ET DICAM: VIVO EGO IN AETERNUM.

A voz que ora se levanta nesse brado supremo, e clama para a terra inteira, nesse grito transcendente de inspirada ressonância bíblica, irrompe da alma radiante da França — o arauto milenar da Civilização, o soldado intemerato de Deus, o paladino universal da liberdade e da justiça, a cujos pés se adensa a maior messe de glórias que já enflorou a história de uma nação.

As suas origens rompem dum passado remoto, anterior à civilização européia, como a seiva das grandes árvores robustas flui das entranhas profundas da terra.

Quando os Romanos eram ainda os rudes habitantes da *urbs quadrata,* quando os Gregos inda fechavam a sua atividade nas estreitezas da vida municipal, muitos séculos antes do advento do cristianismo, — entre o Mediterrâneo e o Mancha, entre o Reno e o Atlântico, ostentava-se uma região povoada por homens inteligentes, constelada de pequenas cidades que falavam a mesma língua e adoravam os mesmos deuses, obedecendo à mesma autoridade civil e elaborando, num simbolismo naturalístico admirável, os princípios de um direito comum, codificado por assembléias soberanas.

Era, em suma, uma grande família humana — os Celtas, da pré-história de França — cujos poetas se diziam filhos dos deuses, de quem eram, ao mesmo tempo, sacerdotes, misturando, na taça druídica das libações sagradas, as suas visões de profetas e os seus sonhos de trovadores.

Assim, há cêrca de três mil anos, existia a Gália — um solo humanizado, uma terra cultivada, cheia de estradas que uniam cidades florescentes e onde os homens, juntando a fôrça dos seus braços e as tendências das suas almas, se ocupavam em melhorar a vida e regrar a conduta social.

Todos os anos, pela primavera, e bem no centro da região, na planície convizinha da cidade de Orléans, que, ainda hoje, se nos afigura o coração da gleba, — milhares de criaturas, vindas de todos os pontos dessa pátria em formação, se reuniam, num campo sagrado, para assistir aos sacrifícios e às preces que os *drúidas* ofereciam em nome da fraternidade nacional e para exaltar juntos o nome da Gália — símbolo da sua união, emblema da terra fecunda e generosa.

Essa união da terra e do povo era o esbôço duma grande pátria, era a alvorada providencial do extraordinário destino francês.

Para ativar sempre mais o instinto de sociabilidade, que é um apanágio da raça, o solo das províncias se vai cobrindo de pequenas cidades, onde cada dia mais se acentua a consciência de um destino comum.

Nascem aqui, alí, os centros de atividade comercial. Marselha ainda agora se levanta no fundo do seu velho pôrto, como há vinte e cinco séculos, e como ao tempo de Aristóteles e ao tempo de Cícero, é ainda a porta por onde o Oriente e a Grécia levam à Gália e dali conduzem os produtos da terra e os frutos do espírito.

Toulouse, cidade do capitólio, se alonga e se agita ainda, à margem do Garona, e o perfume das suas violetas odorantes continua a falar dos ritos florais que embelezaram as cerimônias anuais da sua consagração religiosa.

Chartres agora cobre, com a renda de pedra da sua catedral maravilhosa, o ponto exato onde outrora surgiu aos olhos espantados dos paleólogos perplexos o pequeno altar meio derruído com uma inscrição impressionante: *Virgini pariturae.*

E, acima de tôdas, Paris — centro de irradiação de onde partem todos os impulsos e para onde convergem tôdas as fôrças, Coração da França, que recebe de tôda parte o sangue forte e sadio da província e que a tôda parte o reenvia, depois de havê-lo oxigenado, saturado, purificado, subtilizado, sublimado.

Há dois mil anos, Paris incarna e resume as grandes qualidades do espírito francês.

Quando as fôrças romanas batem às portas da Gália, na guerra de conquista, todo o solo estremece ao tropel dos cavaleiros heróicos e a alma gaulesa se constela de sacrifícios sublimes, na defesa da terra invadida.

A tribo dos Parisii centraliza as resistências decididas dos que defendem a liberdade nacional. E, caíndo, afinal, sob o jugo de ferro da Roma conquistadora, Vercingetorix — o paladino extrênuo da independência gaulesa, espanta o ceticismo

elegante do general romano, sacrificando a vida para cumprir, com lealdade cavaleresca, a promessa feita ao Cesar vencedor.

Foi a primeira vez, na sua estupenda história, que a França ensinou ao mundo que a honra vale mais do que a vida...

Sob a influência da civilização romana, a alma gaulesa se latinizou.

Mas o individualismo imaginativo dos celtas impõe aos vencedores a fisionomia do gênio gaulês, e foi a linguagem que primeiro sofreu essa transfiguração. A língua latina adquiriu ali uma clareza, uma plasticidade, um vigor expressional que não conhecera dantes. A sintaxe se transformou. De sintética se fêz analítica. Um número infinito de vocábulos novos e modismos desconhecidos, expressivos e sonoros, rasgou novos descortinos ao poder verbal. Ora, a análise é o instrumento da indagação e da pesquisa, a afirmação do individualismo crítico. Se a Gália substituiu, pouco a pouco, e inconscientemente, a síntese pela análise, na língua dos seus vencedores, é que o seu gênio diferia do de Roma, era um gênio de liberdade, um gênio especulativo e criador como o dos gregos, e mais sensível ainda às seduções do mistério e do sonho.

Depois, a batalha de Tolbiac iniciou a unidade política da pátria e a água lustral nas fontes batismais de Reims consolidou a sua unidade moral. Espelha-se na onda mística dessa fonte a perspectiva infinita de novos destinos históricos.

Quando a Europa era ainda a nebulosa, onde, ao choque das raças, se plasmava penosamente a fisionomia da nova ordem cristã, a França ergueu os braços para a Igreja e, — primeira entre tôdas as nações — invocou o cristianismo como a estrêla sideral da liberdade.

E, num frêmito sagrado, buscou a sombra do santuário para fazer do evangelho o brasão da sua história, o lustre da sua vida, o esmalte da sua civilização.

Foi a onda lustral que, lavando a fronte do sicambro, acordou, na alma nacional, a centelha divina, cuja serena claridade povoa de fulgores sôbre-humanos a estupenda epopéia que é a história da França cristã.

Às inspirações do cristianismo, a França se fêz mestra das nações. O ímpeto dos seus guerreiros, a legião dos seus apóstolos, a grandeza dos seus reis, o sonho dos seus poetas, o fulgor da sua literatura, a clareza, a transparência, a disciplina gramatical da sua língua, a visão dos seus estadistas, a insólita bravura da sua raça deram-lhe a glória de porta-bandeira da civilização.

O esplendor messiânico dos seus destinos estadeia-se,

nesse impulso sobrenatural, nessa predestinação invejável que a tornou filha primogênita da Igreja.

Da pira divina da fé lhe veio a energia criadora que retemperou a alma nacional e acendeu, na sua história comovedora, as páginas solares onde se movem figuras legendárias, brilhantes e ardentes como labaredas, gênios de imaginação e de aventura, prodígios de idealidade e realizacão, como Baiardo, como S. Luís, como Joana d'Arc, como Pirogord., como De Gaule, como tantos gênios e tantos santos a cujo sonho místico e sagrado surgiram as *canções de gesta* e as harmonias frementes do folclore musical e a imponência das catedrais góticas, rendilhadas de nervuras vaporosas, abertas em ogivas espiritualizadas, consteladas de vitrais coloridos, onde os reflexos do dia estremecem, flamejando como línguas de fogo.

Dêsse misticismo doce e apaixonado nasceu a cavalaria heróica e generosa da *Távola redonda*, a sublime idealização do culto à mulher, as princesas de Racine, o romantismo de Chateaubriand, a graça melancólica das baladas medievais, a arrancada louca dos cruzados cheios de piedade e de fereza — tôda a floração de heroísmo, de arte e de beleza que estrela a alma fulgurante do povo francês.

Os elementos étnicos que concorreram para a formação da nacionalidade fundiram-se numa unidade surpreendente, produzindo essa harmonia rara e preciosa, êsse heroísmo insólito, êsse valor transcendentalizado da fôrça a serviço do direito que Rolando e Baiardo e tantos outros incarnam tantas vêzes, no curso dos séculos, como um milagre de energia imortal, como um símbolo da fôrça e da gentileza duma raça. *Gesta Dei per francos !*

*

* *

Ao lado dêsse idealismo transcendente, a França é a pátria do bom-senso, do equilíbrio mental, da nacessidade indeclinável de pensar com clareza para agir com acêrto e segurança. Estas qualidades estratificadas no fundo da sua alma lhe têm servido, muitas vêzes, de apoio decisivo, nos imprevistos e nas catástrofes da sua história. Raramente o seu espírito se deixou cegar pela paixão ou desgarrar pelo sentimento, porque o francês possui, acima de tudo, uma inteligência arguta e sempre alerta, uma visão segura dos matizes que, em última análise, não é mais do que a adaptação psicológica ao ambiente social. . . (1)

---

(1) — Omitiu-se, neste lugar, uma frase truncada no original deixado pelo conferencista. (Nota do revisor).

Porque não há de, agora, renovar-se o milagre bíblico, — desatando-se, em harmonias surpreendentes, a esterilidade habitual do meu pensamento, ao toque santificado da França martirizada ?

Quando o sôpro onipotente de um grande anseio, de projeção universal, acende a inspiração e perpassa pelos lábios do orador, o mesquinho instrumento da palavra individual desaparece, e só o ideal que ela incarna se percebe, rutilando na majestade e na glória da coisa sagrada que irmana tôdas as consciências na participação eucarística, na comunhão emocional da mesma aspiração.

*
* *

Meus senhores. O gênio da França seria incompreensível, sem a análise da singular combinação étnica de que resultou a feição psicológica de suas atuais populações, e sem a visão dos esforços milenares com que as raças, ali caldeadas, arrotearam a terra. modificaram-na, afeiçoaram-na às exigências espirituais da civilização, criando um ambiente nacional, determinando, em suma, as condições mesológicas que possibilitariam os surtos ascensionais da sua evolução.

Nem uma outra terra, no mundo, é, mais do que a França, um produto da história, o que equivale dizer — da vontade do homem.

Michelet, que a compreendeu profundamente, por tê-la ardentemente amado, viu nesse fato o segrêdo da sua vitalidade sem par. Alí, a história como que anulou a geografia; a liberdade do homem modificou as leis da natureza, domando e aliando as regiões mais diferentes, os climas mais opostos e unindo as raças mais diversas.

Há centenas de anos, a Provença, com o encanto da sua língua *d'oc* e o azul cerúleo do seu Mediterrâneo, ligou-se indissolùvelmente à Bretanha sonhadora de solo granítico e ao norte flamengo de clima brumoso, cujos costumes austeros e o rude dialeto, áspero como os seus longos invernos, parecem tão desconversáveis em comparação com a claridade, as doçuras e as graças das províncias do sul.

A homogeneidade surpreendente da terra e da gente de França é, pois, a obra de vinte séculos de infatigáveis labores de camponeses tenazes, de soldados valorosos, de pensadores ousados, de artistas temerários, de poetas geniais. Todos constituiam expressões diversas de uma mesma idéia-fôrça, agindo por uma especie de intuição sôbre-humana e conduzindo a terra

e o homem para um grande destino nacional.

A determinante dêsse fenômeno auspicioso se deve buscar mais na sensibilidade, ou melhor, na sentimentalidade, do que na inteligência. Esta, frequentes vêzes, não é senão o largo painel onde cada sentimento põe a sua nota, as suas côres, os seus sonhos. Se é interessante saber que impressões educativas recebe uma criatura, muito mais interessante é saber que elementos instintivos lhe determinam o caráter, qual a origem das raças que compõem a nação histórica de que ela é parte. É dessa fusão, é dessa mistura profunda que nasce o gênio dos povos, a sua misteriosa fisionomia espiritual.

Do ponto de vista étnico, o povo francês é a feliz combinação de três elementos principais — os celtas, os latinos e os francos.

Os celtas eram gente de sangue ardente e nervos vibráteis, de sensibilidades luminosas e inquietas como labaredas, — gênios de imaginação e de aventura, mais aptos a descobrir o mundo ideal do que a conquistar o mundo material.

Os romanos eram o povo prático, de um individualismo dominador, cujo bom-senso casou a fôrca das armas com as universalizações do direito, e, assimilando as delicadezas e o brilho da Hélade divina, cimentou a criação política mais prestigiosa e mais forte da história, em cujas linhas mestras ainda hoje assenta a estrutura dos estados modernos.

Os francos — os *grandes bárbaros brancos* de que fala o poeta, foram os batalhadores atrevidos, sedentos de aventuras, amorosos e brigões, de vontade explosiva e ímpetos de alucinado, ferozes, mas leais, irrefletidos e brutais, porém honestos e inteligentíssimos.

A fusão dêsses três elementos em uma unidade espiritual superior desabrochou nessa harmonia rara e preciosa, em que o celta (deixem passar a imagem musical), em que o celta deu a tônica, o franco, a semi-tônica, e o latino, a dominante.

São estas as camadas profundas a cujo contato se vem realizando, há tantos séculos, a lenta estratificação em que, afinal, se cristalizou a cultura francesa.

*

* *

A França é a pátria do equilíbrio, da lucidez intelectual. É uma das qualidades elementares da raça a necessidade de pensar com clareza — o que lhe tem servido maravilhosamente, nas horas trágicas da sua história, para ver com exatidão os perigos que lhe ameaçam a existência e para fugir às catás-

trofes advindas, tantas vêzes, da sua imprevidência ou da sua *nonchalance*.

Raramente o espírito francês se deixa desgarrar pela imaginação. Certo, êle possui, no mais alto grau, o dom de se enlevar fàcilmente em entusiasmos irrefletidos... Mas o seu ardor não empana a sua lucidez, e é difícil que êle corra muito tempo atrás de uma quimera.

O intelectualismo francês repousa na convicção geral de que tudo deve ser inteligível. Por isso, êle crê numa organização racional da sociedade, quer se trate da sua nacão, quer da grande família de povos que constitui a humanidade.

Fascinada pela razão, amante das largas generalizações que correspondem à sua necessidade inata de ordem, de método, de lógica, a alma francesa sente tal paixão pela filosofia clara e justa, que de bom grado inverteria os termos do adágio latino — *primo vivere, deinde philosophari.*

Não ! para as exigências metódicas do pensamento francês é preciso filosofar para viver—*primo philosophari, deinde vivere* — é preciso fundar a vida na razão, é necessário construir racionalmente a existência, pensá-la, antes de vivê-la, intelectualizar o futuro com rigor e clareza geométrica, sob a forma positiva e impecável da linha reta.

O gênio da análise, o cuidado da exatidão, a necessidade imperiosa e palpitante de compreender e se fazer compreendido é a preocupação mais absorvente, a característica mais flagrante de todos os escritores da França.

Daí, o papel messiânico, a missão apostolar da grande nação, de semear aos quatro ventos, em fórmulas novas e profundas, claras e peremptórias, quer no domínio da ciência, quer na esfera da arte, os ideais renovadores do pensamento e da estesia no mundo.

O caráter soberanamente intelectual do espírito francês encontra um campo de atividade fascinante na órbita da ciência, e são inestimáveis os serviços com que, neste setor, êle tem enriquecido o patrimônio mental da humanidade.

É certo que a ciência não tem pátria, e nem se deixa monopolizar, como privilégio exclusivo de uma nação. Mas é certíssimo que em todos os tempos se tem visto na ciência uma das vocações naturais mais espontâneas, um dos pendores mais fortes e mais acentuados da brilhante intelectualidade francesa.

Daí, porque, sendo a terra do idealismo, da fantasia e do sonho, a França é, ao mesmo tempo, a terra onde abrolharam os conhecimentos fundamentais sôbre que se baseia a idéia que formamos do mundo. Eu já tive oportunidade de dizer, na con-

ferência em que se me deu a honra de inaugurar esta Associacão: um sábio fundou a química — o francês *Lavoisier;* um sábio fundou a anatomia comparada e a paleontologia — o francês *Cuvier;* um sábio fundou a zoologia filosófica — o francês *Lamarck;* um sábio fundou a embriogenia — o francês *Geoffroi de Saint-Hilaire;* um sábio fundou a histologia — o francês *Bichat;* um sábio fundou a fisiologia — o francês *Claude Bernard;* um sábio fundou a microbiologia — o francês *Pasteur.*

A Lavoisier se devem todos os conhecimentos que possuímos sôbre a constituição fundamental do mundo. A Cuvier, os métodos e as leis que permitiram a classificação dos sêres vivos e a reconstituição daqueles que povoaram o globo em épocas remotas. A Lamarck, o grande e vitorioso pensamento da evolução. A Geoffroi de Saint-Hilaire, a noção do paralelismo entre as transformações embrionárias e as transformações anteriores das espécies. A Bichat, a revelação dos tecidos orgânicos. A Claude Bernard — o criador da medicina moderna, a introdução do determinismo nos fenômenos fisiológicos. A Pasteur, a concepção da doença e, ao mesmo tempo, a descoberta, sòmente por indução, de todo um universo invisível, tão grande e tão real como o que se deixa ver.

Diante disto, tenho a vontade imensa, sinto a tentação irresistível de dizer-vos:—meus senhores, a ciência é francesa !



Mas a França é também a pátria do ideal. O amor das idéias claras engendrou o gôsto das formas simples, elegantes, lapidares. Na arte francesa, a fantasia não enubla nunca o contôrno da realidade; nada tem de fôsco, de obscuro, de complicado, como as literaturas do norte; é sempre o manto diáfano que não prejudica a nudez da verdade, consoante a máxima naturalista do escritor d'*A Relíquia.*

A arte francesa, a arte literária sobretudo, tem um dom de penetrabilidade que a tornou familiar às *élites* de todos os países do mundo; é de uma finura, de uma graça insinuante, em que as imagens e os símbolos, de incomparável sugestibilidade, espelham nitentemente todos os matizes da idéia.

Só os seus escritores souberam aproximar-se do ideal inatingível com que sonhava aquêle excêntrico e pitoresco Fradique Mendes — ideal de um estilo *onde houvesse alguma coisa de cristalino, de aveludado, de ondeante, de marmóreo, que, só por si, plàsticamente realizasse uma absoluta beleza, e que expressivamente, como verbo, tudo pudesse traduzir, desde os*

mais sutís estados da alma até os mais fugidios tons da luz.

Para tal conseguir, os artífices da palavra, em França, criaram essa maravilha de elegância e graça e lucidez e concisão que é o francês literário.

Essa língua adorável não é, como as demais, uma criação espontânea da natureza. É o produto de demoradas reflexões, de longos e penosos esforços. É uma obra de arte. Foi construída caprichosamente, segundo os cânones rigorosos de um plano arquitetural.

Na floresta espêssa e sombria do francês antigo penetrou o machado da civilização. Feriu, cortou, podou sem piedade, extirpando as expressões grosseiras, mudando os vocábulos dissonantes, impondo regras estreitas e tirânicas. A língua francesa, do século dezessete aos nossos dias, é o resultado de uma seleção impiedosa. Desapossou-se de uma infinidade de palavras, perdeu centenas de expressões inestéticas, retorceu-se em eufemismos engenhosos, encheu-se de hipérboles fulgurantes, enriqueceu-se de perífrases sutis, subiu a tais imponderabilidades, que produziram, de certo, o conceito paradoxal do Príncipe de Benevento, de que a palavra foi dada ao homem com o fim de ocultar-lhe o pensamento. Língua onde se pode, como em nenhuma outra, atenuar cruezas, desbastar rebarbas, polir asperezas, esfumar côres demasiado vivas, sutilizar idéias e sentimentos, o francês se tornou, por suas peculiaridades inimitáveis, a língua dos salões de todo o mundo culto, como se tivesse sido feita, de propósito, para servir às conversações de gente fina, de educação superior, que pensa com honestidade, sente com delicadeza e tem necessidade imperiosa de exprimir o que pensa e o que sente com elegância e nitidez.

Razão profunda assistia àquele desabusado pensador alemão que afirmou só ter conseguido entender os filósofos da sua terra depois que os leu traduzidos em francês.

Êsse intelectualismo, êsse gôsto da medida, das formas harmoniosas, que enfloram a língua e a literatura francesas, se refletem na esfera geral das artes, em cujas criações surpreendentes o senso da realidade, a razão concreta, a intuição e a lógica se fundem na escultura, na arquitetura, na pintura e até na música, fazendo da França a incomparável metrópole artística dos tempos modernos.

É verdade que, no domínio das artes, a França não foi, cronològicamente, a primeira cultora do belo. A Grécia antiga, a Roma imperial, a Itália da Renascença precederam-na e têm-lhe servido de modêlo. Mas, inspirando-se nas grandes criações do gênio antigo, a França assimilou-o de tal modo e

soube transformar êsses dados alienígenas e dar-lhes uma expressão tão pessoal, tão caraterìsticamente francesa, que conseguiu criar uma originalidade artística de feição inconfundível, feita de sobriedade, de proporções harmoniosas, de equilíbrio elegante.

A escultura francesa se notabiliza entre a de tôdas as nações modernas pela beleza da forma e pela verdade de expressão. Um dos mais autorizados críticos europeus, no século XIX, afirmava convictamente que, feita a exceção das grandes cidades italianas, — em matéria de perfeição escultural, tôdas as cidades da Europa não valem um cavalo de Marly.

Quanto à pintura, não é preciso lembrar a riqueza do colorido, a correção meticulosa das linhas, a abundância e a continuidade ininterrupta da produção, através dos últimos séculos.

E se a França não apresenta pintores tão notáveis como os da Itália, os da Espanha e os da Holanda, tem, não obstante, uma floração de coloristas do mais alto relêvo, bastante, por si só, para representar o gênio pictural de uma grande nação. No *foyer* da Ópera, nas galerias de Versalhes canta, na perfeição das linhas e das côres, a expressão mais soberba e mais rica da pintura nos últimos dois séculos.

Na música, em que refulgem os nomes de Gounod, Bizet, Saint-Saens, Berlioz, a intuição genial da raça criou as formas imperecíveis da melodia francesa, sóbria, terna, doce, repassada de pensamento e de emoção, que intelectualiza a sensualidade transbordante da melodia italiana e humaniza o misticismo pagão e transcendente da música pura alemã. E como se fôsse mister condensar em notas tôdas as aspirações de uma raça e tôdas as virtualidades de uma nação, surgiu, num momento delirante, êsse brado estupendo que é a Marselhesa, música de acentos sôbre-humanos, em cujos ritmos as potencialidades musicais dum povo acorreram para o estro de um homem, como todos os rios da terra confluem para o mar.

Graças ao seu instinto eminentemente arquitetônico, que a leva a converter as necessidades mecânicas da edificação urbana em primores de arte, a França cobriu o chão das suas cidades de obras-primas imortais, onde a pedra fala com a voz solene da história, canta com a ressonância orquestral das sinfonias e suspira com os arroubos místicos da fé. Criou as catedrais, revelando ao mundo a sua poesia simbólica e divina.

A basílica romana, modêlo de fôrça e domínio material, transforma-se, ao influxo idealista do gênio celta. Eleva-se, afina-se, torna-se leve, vaporosa, aeriforme; desata-se em flô-

res e estrêlas nas rosáceas coloridas, como que traspassa o infinito, embebendo as flechas no azul puríssimo do céu.

O idealismo místico da raça, seu espírito de poesia sublimado pelo cristianismo e sua paixão da liberdade desabrocham na simetria harmonisa das colunas, nas cariátides estranhas, nas figuras bizarras ou espantosas, em que a pedra se encrespa e se contorce, para exprimir os terrores do inferno, e nas janelas desmedidas, onde os vitrais flamejam e se tamizam em rosas de luz, para evocar a bem-aventurança do céu.

E mais tarde, a capacidade inventiva do arquiteto francês, num assomo genial da mais arrojada concepção urbanística, cria a perspectiva sem par da avenida dos Campos-Elísios — o conjunto arquitônico mais belo do mundo, subindo esplêndidamente a praça da Estrêla, coroada pelo Arco do Triunfo, constituindo a impressão mais forte e duradoura que o forasteiro pode trazer das fisionomias de Paris.

Conta-se de um estadista ilustre do nosso continente, que, passeando em Paris, parou deslumbrado no início da avenida dos Campos-Elísios e, depois de contemplar pensativo o conjunto maravilhoso, perguntou ao urbanista patrício que o acompanhava: "de quanto precisaríamos nós para fazer em nossa terra uma coisa igual?" Antes que o engenheiro calculasse os milhões necessários à obra de tamanha magnitude, uma senhorita parisiense, que passava no momento e ouvira a pergunta, respondeu de pronto : — "precisam de 20 séculos de civilização".

Poder-se-ia pensar, porém, que tudo isto é certo, mas já não passa de um enlêvo do passado. Com a defecção da França na guerra que ôntem findou, e a conseqüente invasão alemã, a cultura francesa pereceu. Exauriu-se a capacidade de criação, e a própria língua involutiva e petrificada será, dentro de algum tempo, como o grego e o latim, uma língua morta, repositório de maravilhas literárias, mas destinada a dissolver-se em dialetos insignificantes e efêmeros.

Pensar assim é desconhecer em absoluto a história prodigiosa da França; é ignorar a sua vitalidade estupenda, a sua miraculosa capacidade de resistência, o seu poder assombroso de renovação.

Vinte vêzes, no curso da sua existência, a França pareceu morrer, esmagada pelo inimigo invasor; vinte vêzes renasceu triunfante das cinzas do seu martírio, espantando o mundo com o milagre da sua ressurreição.

Tôdas as invasões têm talado o seu solo sagrado e submergido, aparentemente, a nação, como para destruí-la até os fun-

damentos. Os iberos transpõem os Pirineus, os romanos transpõem os Alpes, os gregos chegam às praias do Mediterrâneo, os germanos atravessam o Reno. Quando a torrente dos godos, dos borgúndios, dos vândalos, dos hunos se extingue, os sarracenos sobem até o coração da terra, como maré irresistível. Vem ainda a invasão escandinava e, três séculos depois, a França agoniza na derradeira fase da guerra dos cem anos. No fim do século XVI, parece ter soado a hora final da nação cavalheiresca. O inimigo externo conta com a cumplicidade dos seus correligionários franceses. É antiga, como se vê, a raça nefanda, a raça escariótica dos Lavais. São os precursores da 5ª coluna, já não são apenas interêsses materiais opostos que ameaçam dividir o corpo da pátria, são divergências filosóficas profundas que tendem a dissociar as almas, para desintegrar a nação.

E, assim, de século em século, até a terrível invasão de ontem.

Mas a alma indomável da França subsiste a tôdos os infortúnios e tem, ardendo, dentro de si, o reservatório de energias morais que operam o milagre da sua libertação.

Nas grandes crises da história francesa, quando tudo parecia perdido para sempre, a Providência suscitou o aparecimento de uma criatura excepcional, tão acima da vulgaridade humana, que a crítica científica se sente embaraçada para explicar-lhe a ação libertadora. Quando Paris morria asfixiada pelo cêrco dos hunos ferozes — Genoveva, a ingênua pastorinha, em cuja fronte a Igreja pôs a auréola dos santos e cujo nome o povo ainda agora bendiz, num ciclo de lendas adoráveis. Quando um rei pusilânime deixava cair nas mãos do invasor quase todo o território da pátria — Joana d'Arc, cuja vida inspirada a crítica científica não sabe como explicar e em cujo áspero destino até o cético Anatole France reconhece uma impossibilidade humana, o que equivale a confessar uma intervenção divina. Quando a anarquia campeava infrene e parecia que a ordem social estava irremediàvelmente perdida — Napoleão Bonaparte, cuja trajetória cintilante arrebata o entusiasmo dos próprios inimigos da sua pátria. E em nossos dias, no momento supremo em que a França agonizava coberta de opróbrio, na maior catástrofe da sua vida milenária — Charles De Gaulle, em cujo peito varonil crepita a chama eterna que abrasava o coração de Joana d'Arc, e em cuja fronte de predestinado lampejam as cintilas da estrêla propícia que iluminava o gênio de Napoleão.

Guiada por êle, galvanizada pela sua coragem transcendente, a França derruiu as torpes cadeias que a tinham escra-

vizado e retomou ansiosamentee o lugar que ocupara entre os povos livres da terra.

Vozes proféticas já descem de todos os quadrantes do céu ! *Dieu le veut !* como no tempo das cruzadas.

La patrie nous appelle ! — como nos dias ardentes da Revolução.

Debout les morts !—como nas trincheiras heróicas de 1914.

Como outrora, nas *vozes* da *pucelle*, o verbo misterioso vai acendendo o santelmo divino da esperança em todos os corações.

No dia que não vem longe, em que as tropas aliadas pisarem o solo francês, tôda a França se levantará !

Foi, sem dúvida, ante essa poderosa faculdade de renovação, tantas vêzes observada no curso da história francesa, que um dos espíritos mais argutos da Europa, no século passado, sentenciou: *Le peuple français ne se casse jamais le cou; de quelque hauteur qu'il tombe il se retrouvera toujours debout,*

Que importam as crises, os temores, as dificuldades da hora presente ?

A França está de pé. As divergências de credos e sistemas que encrespam as correntes em que ora se reparte a opinião política das massas, longe de abalarem uma estrutura três vêzes milenar, provam, ao contrário, a infinita vitalidade que em dois anos de cativeiro só fêz acrisolar-se e engrandecer.

O astro gigantesco tende irresistìvelmente para a órbita imortal que a Providência lhe assinalou. O embate das tempestades não lhe estremece o disco fulgurante nem lhe empana o brilho sideral.

A França está de pé. E, já agora, levantando a mão excelsa acima da cabeça aureolada, pode entoar, em acentos proféticos, eloqüentes e sonoros como o rugir das águas eternas, o canto bíblico que espelha a predestinação dos seus destinos históricos — *Levabo ad coelum manun meam, et dicam : — vivo ego in aeternum !*